REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 367

1 DE MARÇO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Foi ha noites que eu admirei pela primeira vez uma das mais brilhantes glorias artisticas portuguezas — o celebre Arthur Napoleão.

E o que me aconteceu a mim aconteceu a muita gente que na noite do 1.º concerto do grande pianista, estava em S. Carlos, pois ha longos annos que Arthur Napoleão não vinha a Portugal.

Se porem nunca o tinha ouvido a elle, ouvira muitas vezes o seu nome glorioso, e estava habituado a toda a gente que vinha do Brazil me dizer, quando appareciam ahi em Lisboa pianistas estrangeiros celebres a dar concertos:

—Não toca mal, mas isto ao pé do Arthur Napoleão! Aquillo é que é! Não ha nada assim!

E eu, tendo a certeza do grande merecimento do nosso illustre compatriota, porque sem muito merito não se alcança a fama gloriosa que elle tinha, imaginava comtudo, que n'essa admiração enorme dos que vinham do Brazil havia um bocadinho de exaggero, um nadinha d'essa vaidade muito humana e muito vulgar, que a gente tem em augmentar sempre os merecimentos do que vimos, e os outros não viram, para lhes mettermos uma certa pirraça.

Agora porem comprehendi que não havia nada d'isso nos elogios enthusiasticos com que todos, que tinham ouvido o Arthur Napoleão, o antepunham a todos os outros pianistas. Ouvimol-o em S. Carlos e francamente depois do Rubinstein nunca ouvimos nada assim.

Tinha muita razão toda a gente que vinha do Brazil.

Arthur Napoleão é um homem mais baixo que alto, magro, nervoso, extremamente sympathico, de uma apresentação correcta, distincta, elegante, que não tem nada das exterioridades espectaculosas com que a lenda e o theatro nos costumam representar os grandes pianistas.

Conhecemol-o pessoalmente nos corredores de S. Carlos, perfeitamente de surpreza.

Quem nol-o apresentou foi Furtado Coelho, outro grande artista portuguez que tem passado a maior parte da sua vida no Brazil tambem.

Foi n'um dos intervallos da *Lakmé* pela Van Zandt. Ora quando a gente sahia para os corredores nos intervallos d'essa opera, não podia pensar senão na grande cantora que nos acabava de impressionar tão profundamente com o maravilhoso desempenho da opera de Delibes.

N'estas noites nos corredores de S. Carlos, as primeiras phrases que trocavam os espectadores que se conheciam eram: — Magnifico! Extraordinario! Assombroso!

Apertamos a mão a Furtado Coelho.

—Extraordinario!

—Maravilhoso!

—É assombrosa esta mulher! disse um homem que estava n'aquella mesma occasião fallando com elle.

—Não conheces? perguntou-me Furtado Coelho, referindo-se ao seu interlocutor.

—Não.

—Arthur Napoleão!

Fiquei deveras surprehendido. N'aquelle momento francamente estava longe de pensar em Arthur Napoleão, que eu ignorava completamente que estivesse em Lisboa, que eu imaginava muito socegado lá pelas longiquas terras brazileiras.

E apertando a mão que elle me estendia, trocando com elle as primeiras palavras triviaes que se seguem sempre ás apresentações, examinava-o attentamente, minuciosamente, com toda a curiosidade com que se examina uma celebridade que ha muito se conhece pela fama.

E não era nada aquelle o homem que no meu espirito eu imaginára ser o Arthur Napoleão.

Porque do mesmo modo que quando lêmos um romance qualquer notavel, nós creamos na nossa imaginação o typo dos heroes principaes, a ponto de os vermos tão bem no nosso cerebro como se os tivessemos deante dos olhos, quando a fama d'uma celebridade qualquer artistica ou litteraria nos tem enchido os ouvidos por muito tempo, nós começamos tambem a phantasiar no nosso espirito o typo physico d'essa celebridade; a vêl-o como se tivessemos deante de nós um retrato photographico de perfeita exactidão.

O nosso Arthur Napoleão, tinha o seu quê do Liszt, um homem magro, alto de grande cabelleira romantica como o pianista da *Esphinge* de Feuillet, e dos dramas de Sardou, de mãos enormes, collossaes, musculosas como as mãos do Rubinstein.

E não correspondia nada a esse Arthur Napoleão, o Arthur Napoleão que Furtado Coelho nos apresentava.

Se nos tivessem perguntado o que seria aquelle homem tão distincta e correctamente mettido dentro da sua irreprehensivel casaca, teriamos dito que era um diplomata, um director geral de secretaria, um deputado, um jornalista, tudo menos um pianista celebre.

O seu typo desmente completamente o typo legendario dos heroes do piano, e a sua conversação fluente, espirituosa, amavel, não tem nada d'esse

8.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

A NOIVA—QUADRO DE MALHOA, ADQUIRIDO POR S. A. O PRINCIPE D. CARLOS

VID. ARTIGO «OITAVO SALÃO»

(Desenho de L. Freire)

tom enfatuado e *poseur* que ordinariamente é caracteristico de certas celebridades.

A nossa primeira pergunta traduziu logo o nosso primeiro desejo ao ver Arthur Napoleão em Lisboa, o desejo que nos espicaçava desde que pela primeira vez a fama do seu nome glorioso chegara até nós—ouvil-o.

—Dá alguns concertos em Lisboa, não é assim?

—Não fazia tenção, mas alguns amigos meus antigos tem-me pedido isso, e então é possivel que sim.

Quando o cartaz de S. Carlos annunciou o 1.º concerto de Arthur Napoleão fomos logo a correr.

Os pianistas celebres tem a habilidade de me despertar muito maior curiosidade que todos os outros artistas.

E por uma razão que ao principio parece muito disparatada e illogica: — o não gostar nada de pianistas.

Estou tão farto de ouvir tocar piano, massa-me já tanto esse instrumento que se propagou pela Europa com a mesma fertilidade com que ultimamente os coelhos se propagaram na America, que me chega a parecer incomprehensivel como ha alguem que se possa distinguir a tocar piano, que acho inconcebivel que se possa ser celebre n'esse trivialissimo instrumento.

E nenhum dos pianistas notaveis que temos ouvido nos tem feito comprehender isso, a não ser a Esipoff, que não era só uma bella pianista para se ouvir, como tambem para se vêr, e o Rubistein que era perfeitamente assombroso, que tirava do piano uns sons estranhos, uns sons que nunca suspeitámos existir no teclado de marfim e que transformavam o piano n'um instrumento quasi que phantastico.

Com Arthur Napoleão aconteceu-nos o mesmo: o piano sobre que elle se lança como um abutre, tem sob as suas mãos uma sonoridade nova e exquisita, uns effeitos extraordinarios, originaes.

O publico ouviu-o enlevado, e fez-lhe uma ovação enorme, ovação a que eu me associei enthusiasticamente, com uma grande admiração pelo extraordinario talento do nosso glorioso artista, admiração em que havia um bocadinho de assombro, da surpreza, da extranheza, que nos causam as coisas sobrenaturaes, porque realmente chega quasi a ser sobrenatural arrancar d'um piano as maravilhas, com que Arthur Napoleão nos deslumbra.

E agora que fallámos em coisas quasi sobrenaturaes, vinha muito a proposito aqui uma descripção das sessões de *Metempsycose*, que um estrangeiro o sr. Duclos está dando nas salas da redacção do *Commercio de Portugal*.

Essas sessões tem tambem ou querem ter o seu quê de phantastico.

Ainda não assistimos a nenhuma d'ellas mas sabemos no que ellas consistem.

O sr. Duclos apresenta ao publico uma cabeça de marmore e ali mesmo na presença dos espectadores, transforma essa cabeça de marmore, na cabeça d'uma mulher formosa, depois n'uma caveira, n'um aquario e n'um açafate de flores.

O effeito d'estas transformações é magnifico e em frente d'ellas os mais sagazes ficam ás aranhas, como ficaram *au premier abord* em frente do armario dos Davenport, da decapitação d'uma mulher, feita ha pouco por um prestidigitador italiano na Trindade, e em tantas, das maravilhas do illusionismo que por ahi tem apparecido.

O sr. Duclos não explica, segundo nos informam os seus trabalhos, por processos habeis e novos de prestidigitador, e quer dar-lhes mais nobre ascendencia, fazendo-os nascer das theorias mysteriosas da metempsicose, e até remontar á famosa lenda da Galathea.

Entretanto, parece que já ha em Portugal quem tambem faça essas transformações e que brevemente teremos no Salão da Trindade um espectaculo d'experiencias do mesmo genero.

O espaço está a terminar e entretanto tinhamos ainda muitos assumptos que tratar na nossa chronica. Assumptos theatraes nem menos de 5 novidades — o *Hamlet* em S. Carlos pelo Battistini, Pasqua e Pacini; no Gymnasio um grande successo, a comedia nova *Cocard Bicoquet*, que teve em Lisboa, graças ao seu primoroso desempenho, o mesmo extraordinario exito que teve em Paris; em D. Maria, as *Mulheres Nervosas*, uma peça engraçadissima e que agradou summamente; na Trindade *A Agua das Caldas*, uma comedia em 3 actos que manteve o publico em constante hilariedade, e as cançonetas francezas de Cenira Polonio, em que a gentilissima actriz brazileira, rivalisa com as mais graciosas actrizes parisienses que em Lisboa tem cantado *Chansonnettes*.

Na proxima chronica, porém, trataremos d'essas novidades e, tambem do concurso para a adjudicação do theatro de D. Maria, assumpto que já tem começado a ser debatido na imprensa, sobre o qual temos aqui á vista um bello folhetim do sr. Collares Pereira, no *Economista*, e que é assumpto de alta importancia para a nossa arte scenica e para a nossa litteratura dramatica.

Gervasio Lobato.

VISITA
DE SS. AA. OS DUQUES DE BRAGANÇA
Á CIDADE D'ELVAS

(Concluido do n.º 366)

II

Eis-nos chegados á praça, ao fundo da qual se ergue o magestoso templo da Sé, muito mais magestoso visto por dentro do que na sua apparencia exterior.

É um resto de edificação de el-rei D. Manoel, já muito transformada pelas successivas reconstrucções que soffreu. Assim, um dos signaes exteriores d'essa edificação é o arco da entrada, sendo a porta de estylo da renascença.

Interiormente é de tres naves formadas por altas columnas sobre que descança a abobada artezoada e com laçarias que tem resistido valorosamente aos seculos que lhe pezam. Por sobre a porta ha um elegante côro com grande orgão, que deverá impôr o mais suave respeito quando os seus sons echoarem sob aquellas abobadas.

A capella-mór é obra do seculo passado, tambem em estylo renascença, toda de marmores, em gavetões, muito semilhante á do convento dos Jeronymos, mas mais pequena. O pavimento do templo é forrado de marmore. O guarda-vento, que deve ser de carvalho ou de outra qualquer madeira de estimação, está pintado de azul!

O templo estava armado em festa, e n'um coreto levantado ao lado direito, no cruzeiro, a orchestra occupava o seu logar.

Suas altezas foram recebidas no atrio debaixo do palio, e á entrada na egreja pelo cabido, seguindo-se todo o cortejo que as acompanhavam.

Cantado que foi o *Te-Deum* e depois de uma breve oração, retiraram os augustos viajantes para o paço, para almoçarem, e receberem em seguida os cumprimentos das auctoridades militares, ecclesiasticas e civis da cidade, bem como das commissões dos festejos.

O paço era junto á Sé em um magnifico palacete do senhor conselheiro Sanches que o promptificou para receber os principes. Estava luxuosa e ricamente mobilado, sendo grande parte dos moveis do sr. visconde de Alcantara, e outros dos srs. dr. Tierno, Eusebio Nunes, Joaquim Guilherme de Vasconcellos, Silva Sobrinho e Vicente Fallé.

Parte d'este palacete é habitado pelo sr. dr. Mirabeau, que a cedeu n'aquelles dias, e outra parte occupada pelo Gremio Artistico, que tambem a cedeu, ficando assim toda a casa á disposição de Suas Altezas.

Terminada a recepção, os duques de Bragança, sahiram em carroagem descoberta a fazerem a visita ao Senhor da Piedade, que se venera em um formoso templo edificado fóra das muralhas da praça, em vasto campo, um kilometro a oeste da cidade.

E' uma edificação do seculo passado, de que lançou a sua primeira pedra o bispo D. Balthazar de Faria Villas Boas e Sampaio, e que foi tambem um dos principaes protectores da obra.

Antes do templo que hoje se vê, houve uma pequena capella, edificada pelo povo, em 1737, onde se collocou a cruz que estava na estrada, commemorando a morte que ali succedera de um lavrador, e a cuja cruz se principiaram a attribuir grandes milagres.

Esta capella ainda hoje se conserva com a referida cruz e está encorporada na nova egreja, podendo-se vêr atraz do altar-mór.

O templo é de proporções regulares, tem tres altares todos de finos marmores de Estremoz, e no da capella-mór está uma imagem do crucificado, de boa esculptura.

Nos outros dois altares ha dois retabulos representando, Nossa Senhora da Graça e o Arrependimento de S. Pedro. Estes quadros são do pintor Cyrillo Machado.

Encontra-se ainda no edificio as Casas dos Milagres, onde se vêem as paredes cobertas de alto a baixo por quadros commemorativos d'um sem numero de milagres feitos pelo Senhor da Piedade aos seus devotos, que não se limitam á provincia do Alemtejo, senão tambem ás proximas terras de Hespanha.

Muitas coisas curiosas se observam n'estes quadros dos milagres, mas a que mais curiosidade disperta é a falta que se nota da imagem do crucificado, em uma boa parte d'aquelles quadros, vendo-se o logar em que ella devia estar, recortado.

Foram os soldados de Napoleão que quando se retiraram de Portugal, levaram aquellas imagens.

Um roubo exquisito que não sabemos a que attribuir, pois que a devoção d'aquelles soldados não era o seu forte, entretanto diz a tradição que elles levaram as pequenas imagens penduradas ao pescoço em bolsinhas, como amuletos de superstíciosos mohammedanos.

Em volta da egreja corre um terreiro arborisado, onde, fronteiro ao templo, se ergue uma bonita fonte de excellente agua, decorada com uma estatua da Fé, de esculptura muito distincta.

E' este um dos passeios mais aprazíveis dos contornos d'Elvas, e um dos logares mais celebrados pela piedade christã, que Suas Altezas não quizeram deixar de visitar, demorando-se a fazerem oração na egreja, que estava vistosamente ornamentada.

De volta á cidade os reaes visitantes percorreram os principaes pontos d'esta, d'onde se disfructam os mais encantadores panoramas.

* * *

O jantar de trinta talheres foi ás 7 horas, sendo servido magnificamente pela casa de Lisboa, de Rosa Araujo.

As loiças da India, com que foi feito o serviço da mesa, eram dos srs. Joaquim Guilherme de Vasconcellos e Silva Sobrinho; a baixella de prata pertencia á ex.ma sr.a D. Adelaide Mouta, sr. D. Simon Tierno e dr. Tierno, Vasconcellos, Joaquim Guerra, Silva Sobrinho, Joaquim Nunes da Silva, Motta, Joaquim Barroso, João Bagulho e David Nunes.

A este jantar assistiram as principaes auctoridades d'Elvas e os iniciadores da grande festa.

S. A. o Principe D. Carlos brindou á cidade de Elvas, dizendo que, o acolhimento que recebia o impressionava muito agradavelmente, pela expontaneidade sincera e unanime que o movia, mas que antecipadamente contava com elle, porque sempre amara a leal cidade d'Elvas, e bem sabia o quanto seus habitantes eram dedicados á actual dynastia. A este brinde respondeu o sr. presidente da camara, agradecendo a honra da visita de Suas Altezas e as phrases lisongeiras que Sua Alteza acabava de proferir, pedindo licença para brindar pela familia real e affirmar as sympathias e gratas recordações que os reaes visitantes deixavam na cidade d'Elvas.

Este brinde significava perfeitamente os sentimentos que animavam o povo elvense, traduzidos na satisfação e amor com que recebiam os seus reaes hospedes, satisfação revelada por todas as classes, que á porfia se empenhavam em a testemunhar alegremente.

A noite em todas as janellas se viam luminarias, e o arco que fôra armado á entrada da Praça da Sé, estava vistosamente illuminado. O povo agglomerava-se na Praça e nas immediações do paço. Pelas nove horas um grupo de rapazes, empregados no commercio, vieram em marcha *aux flambeau*, saudar Suas Altezas, levantando repetidos vivas debaixo das janellas do paço, emquanto a phylarmonica que os acompanhava tocava o hymno da Principe D. Carlos. Suas altezas agradeceram da janella estas enthusiasticas saudações tão sinceras quanto expontaneas.

Elvas sahira completamente dos seus habitos. O silencio ordinario das suas noites, em que ao toque de recolher da guarnição da praça, todos os habitantes tambem se recolhem a suas casas, e os estabelecimentos se fecham, era agora trocado pelos folgares ruidosos da população, e ás onze horas ainda havia grande animação nas ruas da cidade.

Nós é que não podiamos já acompanhar essa animação, pelo simples motivo de haverem quarenta horas que não dormiamos, e de estarmos sufficientemente saturados de festa e de *reportage*, interessando-nos muito mais n'aquelle momento repousarmos o nosso physico, que o espirito inutilmente fazia por animar, do que vêr as luminarias bruxoleantes de todas as viellas da cidade.

Augusto Lobato, que foi nosso constante companheiro, tambem estava nas mesmas circumstancias que nós, e tudo nos aconselhava a irmos até á rua de S. Francisco, onde era a casa do sr. dr. Tierne que, com uma amabilidade que jamais esqueceremos, nos tinha reservado uns aposentos

magnificos, em que passámos uma noite de delicioso e reparador dormir.

*
* *

O dia 16 amanheceu radiante, primaveral, de uma temperatura quasi de agosto. A natureza vinha em auxilio da festa, dispensando-lhe as suas brandas auras estivaes amornadas pelo supremo astro em plena pujansa do seu fulgor.

A's onze horas devia principiar a grande festa agricola. extra-muros da cidade, nos extensos campos que se encontram á sahida da porta de Olivença.

Proximo do jardim e defrontando com a colina sobre que assenta o grande aqueducto da Amoreira, estava levantado o pavilhão destinado a Suas Altezas. Uma construcção rustica feita de troncos de pinheiro forrados de cortiça e com o tecto de colmo. Mantas e cintas alemtejanas decoravam o recinto formando cortinados e sanefas muito originaes. Aqui e ali a era enroscava-se pelos prumos e debruçava-se sobre os peitoris do pavilhão.

Duas bellas cadeiras antigas de espaldar de coiro relevado eram destinadas a Suas Altezas Principe D. Carlos e Princeza D. Amelia. Uma rica colcha bordada da India cahia sobre o peitoril da frente. Um jardim improvisado, em que se via uma pequena mas elegante auraucaria, circundava o pavilhão, e em volta viam-se suspensos sobre os postes das bandeiras, graciosos tropheos agricolas formados por pás, enchadas, fouces roçadouras, ancinhos etc. fornecidos pela Companhia Real da Agricultura Portugueza.

Aos lados do Pavilhão levantavam-se dois palanques para convidados, e fronteiro áquelle, do outro lado da estrada, estava um coreto pittorescamente enfeitado com verdura e instrumentos agricolas, para as duas bandas regimentaes. Grande profusão de bandeiras e galhardetes de variadas côres completavam a parte decorativa do local destinado á festa.

Mais de vinte mil pessoas agglomeravam-se por toda a parte e o colorido dos seus trajes matisava animadamente o deslumbrante quadro que os nossos olhos abrangiam em uma extensão consideravel.

A policia era feita por camponezes em seu costume alemtejano de jaqueta de alamares, calção de belbutina azul escuro e polaina até ao joelho afivelada com feichos de prata; cinta franjada, chapeu á serrana e pau ferrado, constitue o traje distincto dos dias festivos.

Alguns raros soldados de cavallaria e policias civis, auxiliavam estes camponezes e os directores da festa, a conterem o povo, de modo que o centro da estrada ficasse livre para o cortejo que devia passar.

Cerca do meio dia chegaram suas Altezas e a princesa Helena acompanhados dos seus camaristas srs. condes de Seisal e do sr. conde de Tarouca. Acompanhavam as carruagens reaes outras em que vinham a camara municipal, o administrador do conselho e o juiz de direito.

Suas Altezas dirigiram-se para o pavilhão e uma calorosa ovação saudou o Principe e a Princeza. O sr. Rasquilha, que dirigia o cortejo coadjuvado pelo sr. Barroso, foi receber as ordens do Principe para começar a grande revista agricola, a qual principiou a desfilar pela seguinte ordem:

Abria o cortejo um grupo de lavradores a cavallo, com seus trajes de campo, os quaes depois de comprimentarem Suas Altezas formaram aos lados do pavilhão. Seguiu-se uma locomovel puchada por 8 parelhas de machos; era o progresso que vinha na vanguarda do cortejo. Cento e vinte juntas de bois apparelhados como vão para a lavoura arrastavam outros tantos arados que homens guiavam ao rabicho empunhando grandes aguilhões. Cincoenta parelhas de muares de lavoura, dez carros; cinco jangadas, vinte e cinco carros armados conduzindo instrumentos do trabalho agricola; seis carretas com medas de palha e giestas formando grandes pyramides ambulantes, e um carro com fardos de palha feitos pelo moderno systema.

Cada grupo que passava era festejado com ruidosas palmas e clamores enthusiastas, mas quando appareceu o grupo das camponezas azeitoneiras e ceifeiras com os seus cantares caracteristicos acompanhados ao som dos pandeiros, os applausos cresceram de enthusiasmo.

Aquellas mulheres trajavam os seus fatos de trabalho que não offerecem nada de especial. Vestido de chita de qualquer côr e padrão, avental da mesma fazenda, chaile e lenço na cabeça com as pontas atadas sobre a testa.

Os seus cantares recentem-se dos da visinha Hespanha na viveza galhofeira do estribilho, e como estes são ainda um vestigio da raça arabe na peninsula.

Tinham sido compostas pelo sr. José da Silva Picão, umas quadras pastoris apropriadas á festa, para estas aldeãs cantarem.

Suas Altezas applaudiram muito as pobres aldeãs e a princeza D. Amelia mandou-as subir ao pavilhão, onde, a uma por uma lhes agradeceu os seus cantares, ao que ellas correspondiam ora ajoelhando ora fazendo uma mesura e beijando-lhe a mão. Esta recepção durou mais de vinte minutos, depois do que proseguio o cortejo.

Agora é um grupo de azeitoneiros com grandes varas de varejar as oliveiras; segue-se a grande debulhadeira mechanica, puchada por seis parelhas de muares, pertence á Companhia Real Promotora da Agricultura Portugueza.

Mais carros com lenha e matto, seguidos de um grupo de roçadores armados de foices; jumentos com saccos de azeitonas e carros com utensilios de lagar e outras alfaias agricolas; um carro capoeira com diversas aves de criação alemtejana.

Vem os bois e as vaccas bravas; mais de duzentas cabeças. As vaccas fazem das suas e uma espanta-se em desordenada correria seja por onde fôr. Investe para onde está o povo e leva tudo diante de si. A desordem é grande e todos fogem para onde pódem. Um ecclesiastico entra esbaforido pelo pavilhão de Suas Altezas, e as ondas de espectadores movem-se de um logar para o outro no meio de uma gritaria alarmante.

Emfim a vacca é segura por uma valente pega de sernelha que lhe fez um lavrador, e se não fôra duas pobres mulheres que saltaram um fosso, com medo do bicho, e que n'esse salto se feriram fazendo uma fractura simples em uma perna, não passaria este incidente mais que de susto com todos os episodios comicos a que sempre dá logar.

Restabelecida a ordem principiaram a passar os rebanhos de cabras e de carneiros, com os seus cães de guarda e os pastores sobrios que bem poderiam dizer como Diogenes «que de coisas tem o mundo de que Diogenes não precisa.»

As varas de porcos lá vem roncando ruidosamente, e pouco obedientes aos seus guardadores, não querem avançar e teimam em voltar para traz. Para onde vae um vão todos e são precisos grandes esforços de marmeleiro para lhes vencer a teima. Gargalhada geral e elles lá passam de muito mau humor, n'uns roncos infernaes com que respondem aos apupos dos espectadores. Vê-se bem que não são para aquellas coisas, pobres suinos.

Seguem-se ainda mais bois e novilhos, cento e tantas eguas de manada com as suas crias, cavallos reproductores, churriões alemtejanos, e um carro armado á guisa de *corbeille* de flores e que ao passar em frente do pavilhão se abre engenhosamente soltando para o ar bandos de pombos correios.

Esta surpreza produzio um effeito phantastico e fez crescer os applausos com que toda a grande revista foi festejada, tanto pelos principes como pelos mais espectadores que a ella assistiam

Levantaram-se então enthusiasticos vivas aos principes e á familia real, á agricultura e aos lavradores que tão bem tinham conduzido aquella festa, e n'esta occasião o sr. Jayme da Costa Pinto levantou um viva ao *principe lavrador* que foi correspondido calorosamente.

A imponencia do espectaculo que se acabava de presencear era duplamente apreciavel pela sua belleza e pelo seu valor.

Mostrava vantajosamente a importancia da agricultura n'aquella parte da provincia do Alemtejo, com uma eloquencia mais convincente que quantos discursos a rhetorica possa produzir.

Aquelles elementos de riqueza publica traziam a alegria a todos os corações de bons portuguezes, que n'elles viam assegurado o futuro da patria como até aqui tem sido o esteio da sua independencia.

Da animação e do colorido que aquella festa teve, sob o pleno azul do nosso firmamento, alegremente illuminada por este sol privilegiado, só o pode apreciar quem a ella assistiu, porque tudo quanto aqui dissemos, ficaria muito áquem do seu explendor.

*
* *

Suas Altezas retiraram-se d'Elvas ás 9 horas da noite, tendo primeiro havido jantar no paço a que assistiram, alem das auctoridades locaes, os lavradores promotores do cortejo.

Foram acompanhadas até Villa Boim, pela camara municipal e mais auctoridades, membros da commissão dos festejos e lavradores que seguiram até Villa Viçosa a cavallo.

As illuminações da vespera repetiram-se n'aquella noite, mas logo que os principes sahiram da cidade, esta voltou aos seus habitos ordinarios, principiando os estabelecimentos a fecharem-se e as ruas a despovoarem-se.

A's dez horas estava tudo em socego e pouco depois nós estavamos dormindo, porque no dia seguinte tinhamos que nos levantar cedo, para irmos a Badajoz, acedendo ao amavel convite do nosso obsequiador amigo sr. Jayme da Costa Pinto.

*
* *

Foi um dia bem passado em Badajoz, e se este artigo não fosse já demasiadamente longo, diriamos alguma cousa do que vimos e sentimos na cidade hespanhola.

Talvez depois o façamos, mas por agora limitamo-n'os ás festas d'Elvas, aonde voltámos no comboyo das 7 horas da noite.

Na estação d'Elvas aguardavam-nos muitos dos cavalheiros a quem nos temos referido como promotores da festa, e que vinham ás despedidas dos srs. conde de Tarouca, Jayme da Costa Pinto e sua esposa, e dos representantes da imprensa de Lisboa, que todos retiravamos para a capital.

Essas despedidas foram extremamente affectuosas, e mais augmentaram em nosso coração as gratas lembranças que traziamos da heroica cidade da fronteira portugueza.

Caetano Alberto.

AS NOSSAS GRAVURAS

O MONUMENTO
DE ARNOSA DE PAMPELIDO

Na praia de Arnosa de Pampelido, proxima da pavoação de S. João do Mindello, desembarcou no dia 8 de julho de 1832 o exercito libertador á frente do qual vinha D. Pedro IV.

E' este acontecimento que o monumento representado na nossa gravura commemora, monumento muito mais grandioso pela memoria do facto que o determinou, do que pela grandeza e arte da sua fabrica.

Foi o fallecido duque de Avila e Bolama, então Antonio José de Avila e administrador geral do districto do Porto, que iniciou a idéa de se construir este monumento e o levou quasi á sua conclusão, com varios donativos que obteve.

No dia 1.º de dezembro de 1840, é que se realisou o lançamento da primeira pedra com toda a solemnidade, e d'isso se lavrou um auto que foi encerrado em um cofre junto com as moedas do tempo e outras medalhas commemorativas, bem como uma lamina de prata offerecida por uma sociedade portuense, em que se acha gravada a proclamação que D. Pedro IV dirigiu ao exercito quando desembarcou em Portugal, e esse cofre depositado no cabouco do monumento.

O monumento, como se vê na gravura, é formado por um pelinto sobre que assenta uma pyramede quadrangular em secções salientes e devia ser rematada por uma estrella de metal, tendo no meio a era de 1832. Esta estrella porém não se chegou a collocar, porque as obras do monumento só proseguiram regularmente durante os primeiros tempos, e pararam depois muitos annos, até que se concluiram em 1864, com as pedras que ha muito estavam preparadas, e não se cuidou de lhe pôr a estrella conforme o que estava planeado.

Egualmente deixou de se collocar um busto do *rei soldado*, que havia tenção de se assentar em uma das faces da pyramide.

Nas faces do pelinto lêem-se quatro inscripções commemorativas do grande feito, as quaes estão actualmente muito apagadas.

O CANTO DA SEREIA

I

Não conheci homem mais energico que Broth. Era russo, mas veiu para aqui da edade de um anno, e só um ou outro traço da sua physionomia lhe denunciava a origem.

Ligara se elle commigo no collegio, onde tão necessarias são essas allianças intimas, essas ami-

VISITA DE S.S. A.A. OS DUQUES DE BRAGANÇA A CIDADE D'ELVAS

NAS PORTAS DE OLIVENÇA

CHEGADA DO CORTEJO Á SE

A GRANDE REVISTA AGRICOLA

(Desenhos por Caetano Alberto)

A MARCHA «AUX FLAMBEAUX»

zades estreitas que se auxiliam e consolam reciprocamente. Tinha uma cabeça admiravelmente organizada e era precisamente nos estudos que requerem penetração sobrehumana que elle se distinguia. Fazia desesperar o nosso professor de philosophia, que seguia humildemente as pisadas de Cousin na eschola eclectica. Estudava em Platão; era fanatico pelo discipulo de Socrates. Eu preferia os modernos, e entre elles Spinosa fazia as minhas delicias.

Um dia (faltaria um mez, pouco mais ou menos, para o ultimo exame), tinhamos estudado dez horas seguidas mechanica racional, doia-me a cabeça, as fontes ardiam-me e, como a hora ia muito adeantada, o corpo pedia-me repouso e tranquillidade.

Estava reclinado n'uma poltrona, emquanto Broth, com a sua eterna seriedade, com a sua immutavel serenidade de espirito, resolvia na pedra uma formula intrincada.

«Pára um momento, Broth. Estou cansado e agora nada aproveitaria, disse-lhe eu com voz lastimosa.

«Se estás cansado, deita-te. Eu não poderia dormir; vou ler umas linhas do meu Platão.

Deitei-me e, seguindo o costume que nunca perdi nem sequer nas minhas noites de profunda embriaguez, peguei n'um livro para attrahir aos olhos o fugitivo somno. Do montão confuso e desordenado de livros de toda a especie, tirara ao acaso um que me tinham mandado n'esse mesmo dia e que Broth e eu apenas conheciamos de nome: eram as obras de Edgar Poe. Abri-o, e os meus olhos detiveram-se na passagem de um escriptor inglez que servia de epigraphe a um dos originalissimos contos do sublime visionario. Dizia assim: «What song the Syrens sang, or what name Achilles assumed when he did himself among women, although puzzling questions, are not beyond *all* conjecture.»

«Que citação tão curiosa, Broth. Pelo que conheço do espirito de Poe, continuei, parece-me que é o compendio de toda a sua obra; elle que escolheu esta epigraphe, deve ter uma poderosa faculdade analytica unida a uma decisão inquebrantavel.

Broth pegou silenciosamente no livro, leu a passagem, sorriu e voltou á sua leitura.

Eu continuei a ler. Era o *Gold-Beetle* (escaravelho de ouro), se bem me recordo. O estylo tão energicamente bello e simples começava a absorver-me, quando reparei em Broth. Já não lia; conservava o livro aberto sobre os joelhos, e o seu olhar, vagamente fixo, revelava um pensamento tenaz arraigado n'aquelle cerebro.

Estes extasis eram n'elle frequentes e eu respeitava-os sempre; tal superioridade em mim exercia a altura do seu espirito que nunca tive a idéa de lhe dirigir uma graça; respeitava-lhe as maiores extravagancias, como elle me perdoava as fraquezas mais pueris.

Broth continuava profundamente reconcentrado; e por fim, sem mudar de posição, sem mover uma unica linha da physionomia, murmurou estas palavras, que pareciam desatar-se da sua idéa:

«O canto da sereia!... Tem razão... porque não?... Vontade, perseverança—são as armas; o tempo—o combate; a verdade—o triumpho!

«Em que pensas, Broth? disse eu suavemente.

Não me respondeu; resolvi não fallar ao homem, mas á idéa:

«Julgas possivel semelhante phantasia?

«Possivel, dizes? respondeu instantaneamente; provavel, meu rapaz.

«Custa a crer que o teu espirito se preoccupe com uma cousa d'essas. Pega no teu Platão, que é a verdade, e deixa esse inglez, que é o sonho, poetico, se assim o quizeres, mas em todo o caso sonho.

«É um erro, Daniel (esquecia-me dizer que é este o meu nome), é um erro; no fundo de toda a lenda, de toda a tradição, ha sempre uma base invariavel de verdade. A lenda é como a mãe terra: tira as camadas de argilla, tira tambem as camadas de calcareo e encontrarás a base granitica. O espirito humano, que vive do universo, não póde crear mais do que existe. Os pintores representam em tudo a natureza, e o que é possivel ver, pelo menos em principio; o poeta, esse pintor aereo, não póde achar no que não existe n'elle as inspirações da sua obra.

O somno tinha desapparecido; estava acordado sob a influencia de Broth; era o magnetismo da superioridade incontestavel.

«Singulares theorias para um discipulo de Platão! observei eu. Uma theoria, para ser boa, deve soffrer com exito a analyse de todas as suas consequencias. Na tua seria certo que a voz de Deus vibrou sobre o Sinai, e que as aguas do Mar Vermelho se abriram ante a vara de Moysés.

«São as adulterações, Daniel, a lenda, a tradição a que me referia. Dize-me: n'um d'esses enthusiasmos febris que a excitação da fé produz, não podia muito bem Moysés ter confundido a soberba voz da tempestade, que lhe falava á alma estremecida, com a palavra divina? Meu amigo, de tudo o germe existe, e na elaboração infinita dos seculos, sob a influencia fatal das forças da natureza, a materia vai-se transformando e o espirito girando sobre si mesmo, ora opaco, ora brilhante. Um imbecil de Platão seria um talento de Gall talvez, e a sandalia de Diogenes póde ser a branca perola que actualmente adorna o pescoço de uma mulher formosa.

«Nunca te ouvi falar assim! disse eu. Que tens? Que te causa essa sobreexcitação nervosa? Socega, Broth, socega; torna ao teu estudo sereno e repousa.

«Receias que a minha razão se desfaça? É forte como uma rocha!... Mas acho um encanto indescriptivel na audacia admiravel d'esse homem que diz nada ser impossivel á investigação humana; sinto-me com forças para me entregar a um estudo profundo, a uma observação de toda a minha vida! Seria capaz...

«De traduzir em notas o canto da sereia?

«E porque não?

«Ora! Crês tu que existissem essas creaturas que, dizem, detinham os inexperientes navegantes no meio dos mares pelo irresistivel encanto da sua voz harmoniosa? Não te parece fóra de toda a lei natural essa existencia hybrida, metade peixe, metade mulher? Tu sabes que não ha nada que tanto predisponha para a creação poetica como a solidão dos mares nas noites de calma; os marinheiros de então sentiriam no seu espirito a forte impressão da harmonia da natureza e, na impossibilidade de comprehenderem esse phenomeno admiravel, deram corpo ao sonho, vida a esse attributo harmonico da creação e formaram essas deliciosas vozes que saem do meio das ondas espumantes, para os attrahir ás grutas mysteriosas dos seios do oceano.

«E quem te diz que n'outras epochas, tão afastadas da historia do mundo que não as alcança o pensamento, não existissem peixes dotados pela natureza de orgãos vocaes? Não tens ahi o peixe que voa? Porque negar em absoluto a existencia do peixe que canta? Qual não seria o encanto da sua voz, quando as imaginações, juvenis como os raios do sol nos primeiros dias da sua formação, confundiram um peixe com a deusa do mar! Oh! o canto da sereia!

Não repliquei; Broth causava-me espanto. Parecia-me que a razão d'aquelle moço era demasiado fraca para conter os impetos de uma imaginação vulcanica, de uma energia selvagem.

(Continúa) *Daniel.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XI

A cosinheira rompeu a marcha, com a vela de cebo na mão: seguia-se-lhe a sr.ª Leitão, agora mais animosa para envergonhar seu marido, e cá atraz, a certos passos respeitosos de distancia o sr. Leitão de apito na mão esquerda e na mão direita a sua bengala de canna da India, dos seus passeios á noite, e que sempre lhe ficava no quarto, por amor das duvidas.

Chegados ao fim do corredor pararam os tres e puzeram-se á escuta.

Não tiveram que escutar muito tempo.

Ouvia-se perfeitamente estar a mecher na porta da escada pela banda de fóra.

E agora ouvia-se ainda mais que ha bocado; dir-se-ia que o ladrão como não fôra presentido se animára mais e perdera a semcerimonia.

Agora era já uma bulha muito rasoavel.

Mas essa bulha era singular: não parecia de forma alguma uma tentativa de arrombamento, parecia que era alguem que estava batendo na porta com os nós dos dedos, de mansinho para não acordar toda a gente, mas com a força bastante para ser ouvido por alguem.

O sr. Leitão ficou positivamente sem pinga de sangue.

Ainda fez um movimento para levar o apito á bocca mas o seu braço como que paralysado pelo terror não deu para tanto.

—Ouves? perguntou-lhe em voz muito baixa sua mulher.

O Leitão quiz responder que sim, que ouvia, mas a garganta seccára-se-lhe e não poude articular palavra alguma.

Limitou-se a dizer que sim com a cabeça.

Mas esse movimento affirmativo era bem escusado porque muito mais que todos os seus gestos, a expressão de terror que de repente se lhe desenhara nas feições, dizia que tinha ouvido muito bem, bem demais até essa bulha.

Immoveis, como figuras de quadro vivo, os tres pareciam indecisos, irresolutos no corredor, esperando os acontecimentos, sem coragem nem decisão para irem ao encontro d'elles.

A bulha serenou um bocado: esteve uns minutos sem se ouvir.

Essa folgasinha deu animo ao sr. Leitão, que, abraçando-se logo a uma idea que lhe sorria muito, lembrou:

—Talvez sejam gatos! O Garibaldi andará pela escada!

—Qual! respondeu logo a cosinheira. O Garibaldi está na chaminé, ainda agora o vi.

E para confirmar chamou em voz baixa, voltando-se para o lado da cosinha:

—Garibaldi! Garibaldi! Bis bis.

N'isto a bulha ouviu-se de novo.

D'esta vez parecia distinctamente umas pancadas de mansinho na porta.

—Ahi vem elle! annunciou a Anna.

A sr.ª Leitão recuou espavorida, e o sr. Leitão deitou a correr pelo corredor fóra a este grito de alarme, sem querer saber mais de demasias.

Só parou á porta do quarto, quando uma exclamação de alivio de sua esposa, seguido de um *credo!* de quem fica livre d'um grande peso que lhe opprimia o coração, lhe mostrou que fôra injustificado o seu susto e desnecessaria a sua corridinha.

E então mais senhor de si e começando já a sentir-se envergonhado da sua precipitada fuga, voltou para junto das duas mulheres com um sorriso muito amarello, querendo aparentar uma grande serenidade.

N'esse momento o *Garibaldi* o seu gordo gato maltez sahia da cosinha ao chamamento da Anna, de cauda erguida, sacudindo-se ainda do ultimo espreguiçamento do seu somno cortado bruscamente pelo *bis! bis!* da cosinheira e resmungando o seu affectuoso *renhau nhau.*

—Ai! credo! exclamava a sr.ª Leitão, sempre me metteu um susto.

—Então o que pensava a senhora que era? Eu disse ahi vem elle... o Garibaldi.

—Assustaste-te porque imaginaste que eram os ladrões, não é assim, filhinha? explicou o sr. Leitão. Tem graça, tem muita graça!

—Pois sim, tem muita graça mas tu deitaste logo a fugir, maricas! repontou immediatamente a sr.ª Leitão.

—A fugir? Eu? perguntou fingindo-se muito admirado o sr. Leitão. Eu não fugi. Então eu fugia lá d'um gato... nem de seis ou sete!

—Não, tu não fugiste, deitaste a correr pelo corredor fóra.

—É que me parecia ter ouvido a Ignacinha a chamar, e como ella é muito nervosa... podia ter accordado, ter tido medo...

Emquanto estavam n'estas explicações porem a bulha na porta, que por momentos, serenara, voltara de novo, e mais violenta, mais distincta ainda.

Agora é que já não podia haver duvidas: era evidente que estava alguem na escada, alguem que mechia na porta.

Os tres embatucaram deveras e ficaram immoveis, como qne pregados no seu logar.

A bulha porém crescia de minuto a minuto.

—Então ficamos aqui? perguntou a sr.ª Leitão, comprehendendo que era necessario fazer alguma cousa, tomar uma resolução qualquer.

—Vamo-nos embora, se queres... balbuciou sem saber o que dizia, perfeitamente embriagado pelo terror o sr. Leitão.

—Idiota! foi o unico commentario que a esta resposta fez a sua esposa.

E encolhendo os hombros com supremo desdem, sentindo de repente pulsar-lhe nas veias o sangue de viuva de um bravo do Mindello, arrancou a vela da mão da cosinheira e resoluta encaminhou-se para a porta da escada.

Chegada mesmo ao pé da porta parou e escutou um momento a ver se a bulha continuava.

Continuava effectivamente.

A sr.ª Leitão fez um poderoso esforço sobre si propria e abarytonando o mais que poude a sua voz que se prestava bem a isso porque tinha notas de porta-machado, perguntou:

—Quem está ahi?

Fez-se um silencio enorme á espera da resposta.

O sr. Leitão assombrado por esse acto de heroica valentia de sua esposa não se atreveu a di-

zer nada, nem tão pouco a sahir do corredor, d'onde mui disfarçadamente espreitava os acontecimentos.

A cosinheira movida por eguaes sentimentos, tambem não tugia nem mugia.

Ninguem respondeu.

—Está ahi alguem? perguntou de novo a sr.ª Leitão, com mais energia, com mais denodo, animada por essa falta de resposta.

E moita outra vez!

Então cobrando coragem tambem o sr. Leitão sahiu do corredor e pé ante pé veio aproximando-se da porta.

Esperaram todos tres um novo bocado.

—Quem está... ia pela terceira vez a interrogar a sr.ª Leitão.

Mas de repente a sua pergunta foi cortada por um formidavel *Atchim.*

Na escada acabavam de espirrar!

A sr.ª Leitão cheia de terror por esse inesperado estampido deu um grito abafado e deixou cahir a palmatoria no chão, mergulhando a casa em profundas trevas; a cosinheira apavorada fugiu para a cosinha e fechou sobre si a porta com grande ruido: o sr. Leitão aterrado pelo espirro da escada, pelo grito de sua mulher, pela escuridão em que de repente se viu envolto, e pela bulha da porta da cosinha a fechar-se, perdeu a cabeça, e querendo fugir perdeu tambem a chinella tropeçou no Garibaldi e foi de ventas ao chão, emquanto o gato maguado soltava dolorosos *miaus!*

Foi um momento terrivel, o momento que então se passou.

Deitado de bruços no chão, ás escuras, o pobre sr. Leitão esperava a cada instante ser esfaqueado ou esganado pelos ladrões ou ladrão que estava na escada, porque era evidentissimo agora que na escada estava pelo menos um ladrão, e um ladrão constipado.

E mais morto que vivo esperava immediatamente a morte.

Mas a morte não apparecia, graças a Deus, e recobrando pouco a pouco animo sentou-se no chão, procurando no meio das trevas enxergar o que se passava.

Com a sr.ª Leitão dava-se exactamente a mesma coisa: e recuperando por fim a falla pediu em voz baixa:

—Luz! accendam luz!

A Anna entrincheirada na cosinha, comprehendendo depois do primeiro momento de terror o que se tinha passado, decidiu-se a abrir a porta e a accender um phosphoro.

A sr.ª Leitão vendo luz começou então a commandar a manobra e ordenou em voz alta a seu marido, que continuava sentado no chão:

—Apita, menino, apita!

O sr. Leitão levou á bocca o apito, de que no seu pavor se esquecera, mas na sua atrapalhação metteu na bocca o cabo do apito e por mais que soprasse não apitava nada.

Como que respondendo porém á ordem da sr.ª Leitão, uma voz sumida e timida fallou na escada.

—Schiu! ordena a sr.ª Leitão emquanto a Anna lhe accendia a luz, e voltando-se para a porta repetiu, fazendo das tripas coração, a sua pergunta, pela quarta vez:

—Quem é que está ahi?

—Está cá a mana? perguntou muito mansa e muito delicada a voz da escada.

—A mana? repetiram em côro os tres, muito admirados.

—Que demonio de ladrão é este que anda a arranhar nas portas á procura das manas! disse o Leitão pondo-se de pé, muito intrigado.

—Quem está ahi? tornou a perguntar a sr.ª Leitão.

—Sou o Quim! Está cá a mana?

Esta resposta foi como que uma alma nova que entrou no corpo do sr. Leitão, esposa e cosinheira.

Tudo estava explicado e o Leitão furioso agora com o susto que tinha tido, com o papel triste que fizera e com a interrupção do seu somno, chegou-se á porta e berrou com voz potente, respondendo á pergunta d'aquelle terrivel Quim, d'aquelle maldito Quim que tão fatal lhe fôra toda essa noite.

—O sr. é o Quim?

—Um seu creado, sr. Leitão, eu peço-lhe desculpa do incommodo, mas desejava muito fallar á mana!

—Vá para o diabo que o carregue! praguejou o Leitão por unica resposta.

(Continúa)

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

Depois da nossa ultima revista, a politica não soffreu nenhuma alteração sensivel, e isto não é certamente nenhuma novidade, porque alterações sensiveis é coisa que ella ha muito não soffre.

Mas então o ministerio não se recompoz com elementos novos?

É verdade que sim; mas esses elementos novos não tardará muito que sejam velhos, porque não ha nada que mais rapidamente invelheça no nosso paiz meridional, que as situações politicas.

Envelhecem á força, desancadas, moidas, apostrephadas e apupadas pelos politicos que estão fóra do poder, e isto succede com tal regularidade periodica, que quasi se sabe, quando um novo ministerio sobe ao poder, o tempo que lá estará, e se essa estada se prolonga além dos limites previstos, a furia da opposição cresce, cresce e esplue desesperadamente, que não ha remedio que fazer-lhe a vontade, para que não vá tudo parar ao hospital dos doidos.

Esta loucura só se explica pelos interesses individuaes, porque pelo interessse da causa publica não é decerto, pois a orientação politica dos partidos é toda a mesma no nosso pobre paiz, dado o caso que a tal orientação exista.

Assim o sr. Ressano Garcia, que entrou para a pasta da marinha a fazer tirocinio para a fazenda, e o sr. Eduardo José Coelho, que entrou para as obras publicas, são por emquanto tratados pela opposição com toda a cerimonia; dignos ministros para aqui, intelligentes para acolá, muitos salamalekes e rapa pés; mas no horizonte azul do seu noivado já apontam ligeiras nuvens que se chamam responsabilidades herdadas e que não tarde lhe pezarão como se fossem proprias.

O mais curioso, porém, é que sendo o sr. Ressano Garcia engenheiro civil, foi para ministro da marinha, e sendo o sr. Eduardo José Coelho formado em direito, foi para ministro das obras publicas. Isto faz suppôr que o sr. Coelho entende muito mais de pontes e calçadas que o seu collega da marinha, e que este déve saber muito mais de marinha e dos nossos direitos ultramarinos que o seu collega doutor em leis.

Entretanto nada d'isto offerece novidade, porque de ha muito que estamos habituados a vermos cá pelo paiz cada um arranjar-se como póde e se fossemos aqui a citar exemplos, não nos faltava que fazer e teriamos que deitar supplemento á nossa revista, porque o espaço que temos marcado não chegava a nada.

Deixemos, porém, estas bagatellas, que não influem para a questão, porque o caso é arranjar ministros, e nas actuaes circumstancias principalmente, e vejamos em que param os taes quatrocentos e quarenta e nove contos, que continuam ainda a ser o entretenimento dos artigos de fundo e das conversas chocalheiras, apimentadas da politica ociosa.

Em que param, dissemos! Uma leviandade como outra qualquer, uma pretenção demasiado ambiciosa, em que muito menino bonito anda empenhado, para que nós fossemos o lynce que lhe dessemos com o paradeiro.

Todavia lá vae uma idéa. Já lhe pozeram na pista o Antunes ou o Ferreira?

A's vezes d'uma ruim cabeça tambem sae um bom conselho.

Um cosinheiro preto comeu d'uma vez uma perna á galinha que serviu na mesa, e o amo perguntou-lhe pela perna que faltava, ao que o preto respondeu, que a galinha tinha só um pé.

O amo descompoz o preto insistindo pelo que tinha sido feito da outra perna e o preto teimava em que a galinha era — d'um pé só.

Passados dias o amo foi com o preto ao mercado fazer compras, e como o tempo estivesse de chuva as galinhas estavam muito murchas e com uma perna encolhida.

O preto achou boa occasião de se fazer justiça e chegando-se ao patrão, disse-lhe petulantemente apontando para as galinhas.

—Vê sior, ali está garina d'um pé só.

O amo conhecendo o embuste do preto chegou-lhe um supapo ao mesmo tempo que enchutava as galinhas.

—Vês patife, foi só enchutal-as e ellas ahi com as duas pernas a andar.

Ao que o preto accudio muito lampeiramente.

—E porque não fez sior isso á outra na mesa?

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Baile. O sr. José Vianna da Silva Carvalho deu na noite de 26 do mez que acabou, o seu segundo baile d'esta epocha, um baile notabilissimo que teve a grande novidade, de ha muito não vista nos bailes da nossa primeira sociedade, de ser em *costumé.*

Effectivamente a maior parte das senhoras apresentaram-se com lindos *costumes*, alguns d'elles feitos nos atelieres de Paris. As ex.mas sr.as D. Maria Guerra Quaresma Vianna, esposa do sr. Vianna vestia um *costumé* da côrte de Henrique IV; D. Ernestina Vianna, *á Imperio*; D. Eugenia Vianna, de *Japoneza;* D. Ludovina Pinto Coelho, de *Dama Hespanhola;* D. Maria Iglesias, de *Zingara;* D. Rosalina Pinto Coelho, de *Ceifeira;* viscondessa d'Alferrarede, de *Lakmé;* D. Elisa Paço Lumiar, de *Pescadora da Bretanha;* D. Palmira Schindler, de *Jardineira;* D. Maria de Castro, *Dama da côrte de Luiz XV;* D. Josephina Osorio, de *Grega;* D. Branca Ferreira Pinto, de *Cigana;* D. Nazareth d'Almeida, *Margarida do Fausto;* D. Sophia Moser, *Tosca*; viscondessa de Carnide, *Noite;* D. Laura Luz, de *Dama antiga;* D. Gabriella Ferreira Pinto, de *Moleira;* D. Maria de Souza Coutinho, de *Judia;* D. Anna Corte Real, de *Andaluza;* D. Maria e D. Izabel (Coruche) *Damas dos principios do seculo;* D. Graça Barros Lima e D. Helena Varzea, á *Directorio;* D. Alice Navarro e mademoiselle Rosty, á *provincia do Minho;* e muitas outras senhoras de que não podêmos tomar nota porque a concorrencia era enorme.

Entre os homens destacavam-se uns vinte e tantos rapazes de cazaca encarnada e calção e meias pretas, notando-se ainda um de casaca azul.

Era surprehendente o aspecto que as salas apresentavam, pela animação e collorido dos variados *costumes* que se viam.

As walsas e contradanças succediam-se quasi sem interrupção e assim durou o baile até cerca das 4 horas da madrugada, terminando por um *Boulangere.*

O serviço de bufete foi excellente, e a amabilidade dos donos da casa, inexcedivel.

Novo ministerio francez. O triumpho eleitoral de Boulanger accentua-se cada vez mais em toda a linha, e o governo de Floquet não poude resistir á grande onda que se levanta em França a favor das idéas Boulangistas.

A votação das camaras do dia 24 de fevereiro, contra a revisão da constituição feita pelo governo foi desfavoravel a este, pois a adiou indefinidamente por uma maioria de 89 votos contra o ministerio Floquet. Esta votação obrigou o governo a ir ao palacio do Elyseu pedir a sua demissão ao presidente Carnot, que a acceitou e tratou de organisar novo ministerio. Depois de uma difficil laboração de 7 dias, conseguiu organisar gabinete que ficou assim composto:

Presidencia e commercio, Tirarad; interior, Constans; fazenda, Rouvier; justiça, Thevenet; instrucção, Fallières; agricultura, Faye; obras publicas, Yves Guyot; guerra, Freycinet; marinha, Jaurés; estrangeiros, Spuller.

Este ministerio não é bem recebido pela imprensa franceza em geral e em especial pelos jornaes Boulangistas. Tudo faz crêr que a nova situação será transitoria.

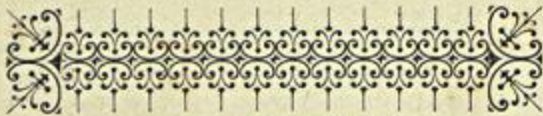
O Professor Cabanel. Finou-se em Paris o insigne professor de pintura Alexandre Cabanel a quem muitos artistas portuguezes devem gratidão pelas boas lições que d'elle receberam, como pensionistas do estado em Paris.

Cabanel tinha sessenta e cinco annos, e na sua longa carreira de artista produziu magnificos quadros que lhe deixam bom nome. Principiando pelo quadro *Jesus Christo no Pretorio* quadro que fez em 1845 para o concurso de pensionista para estudar em Roma; seguem-se as suas notaveis telas de *Agonia de Christo, Morte de Moysés, S. João, O Martyr Christão, Uma Nympha roubada por um satyro, O nascimento de Venus,* e alguns bellos retratos como o de Napoleão III, condessa de Clermont, viscondessa de Garmay, Roucher e Tonerre.

Algumas d'estas obras valeram-lhe honrosas distincções incluindo o officialato da Legião d'Honra.

O methodo de João de Deus em Africa. O famoso methodo de leitura de João de Deus vae fazendo progressos por toda a parte onde se falla o portuguez, e em Africa começa a dar bons resultados a sua introducção. Assim o confirma o relatorio official do com-

mando militar de Arnanga, onde se lê, que n'uma escola d'este methodo, estabelecida no principio do anno de 1887, se tem ensinado a lêr e a escrever grande numero de pretos. É professor d'esta escola o alferes de caçadores 3, sr. Augusto Cesar da Silva Oliveira.

Monumentos Archeologicos. Vão-se fazer consideraveis reparações na capella de S. João de Alporão, onde está installado o museu archeologico de Santarem. Este museu vae ser enrequecido com o notavel tumulo de D. Duarte de Menezes que estão trasladando do antigo convento de S. Francisco, onde existia.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Luzitania e da Iberia. — Recebemos os fasciculos que desenvolvem o summario seguinte, da grande obra de João Bonança, e desvanece-nos o modo com o este confirma tudo que o Occidente publicou a respeito de uma importante questão scientifica que aqui se debateu.

Segue o summario:

Formação do terceiro systema de montanhas da Peninsula Hispanica. Materiaes, altitudes e constructores das montanhas do terceiro systema. Fojos, simas; camaras e galerias subterraneas; jazigos dos habitantes da Peninsula na edade do oiro e da pedra polida; meios e causas de alguns terremotos. Denominação das formações da era mammiferaria. Serie marsupialica. Divisões dos systemas liasico e jurasico; divisões da serie marsupialica, sob o aspecto da fauna. É inexacto que n'esta era se hajam constituido as mais elevadas cumeadas da Europa. Edades da serie marsupialica: formas caracteristicas e denominação de cada edade.—*Edade egoceratidiana:* generos n'ella nados e desapparecidos: espessura da formação: mineraes proprios. Generos de animaes da edade egoceratidiana, os quaes, atravessando a immensidade dos tempos e resistindo ás vicissitudes geologicas, vivem ainda em nossos dias; proporção entre os que pareceram e os que sobreviveram: remota origem de algumas familias insectidas que vivem em nossos campos. Aspecto do mundo animado: approximação da era homaria. Discordancia das doutrinas do transformismo com os factos da geologia paleontologica.—*Edade belemnopsiana*: generos nados e perecidos: proporção entre os que passam para os nossos tempos. Materiaes e espessura da formação belemnopsiana.—*Edade simoceriana*. generos nados e desapparecidos. Materiaes e espessura de esta formação. — *A serie marsupialica* na Luzitania: formações marsupialicas ao norte do Tejo: systema egoceratidiano: fosseis animaes e vegetaes. O classificador da flora fossil do chamado grupo secundario de Portugal. Inferioridade do quilate scientifico do trabalho de Oswald Heer, intitulado *Contributions à la Flore Fossile du Portugal*. Insufficiencia de Carlos Ribeiro para determinar com exactidão os aterros e edades geologicas dos terrenos carboniferos da Serra do Bussaco, Moinho da Ordem e cercanias do Porto: auxilios que lhe foram prestados por Daniel Sharpe, Charles Bunbury, Bernardino Antonio Gomes e Oswald Heer. Os erros commettidos por Oswald Heer na classificacão da flora fossil do chamado terreno carbonifero das Visinhanças do Porto, Serra do Bussaco e Moinho da Ordem. Modo de existencia da flora nas edades geologicas: o encadeamento do mundo vegetal. Meios de determinar a edade das camadas e formações geologicas pelos generos e especies vegetaes: especies caracteristicas associativas e determinativas. As especies da flora fossil do Moinho da Ordem, Serra do Bussaco e Visinhanças do Porto, classificadas por Bernardino Antonio Gomes e Geinitz. Incompleto de essa classificação: correcções, explicações e additamentos. fixação das especies duvidosas: o *dicranophyllo estriado* e o *cordaita radiado* por nós determinados pela primeira vez em Portugal: nivel geologico que as especies de aquella flora occupam na Europa e na America. O *calamita gigante* não é, como suppõe Grand'Eury, uma especie de carbonifero superior. Equivoco de Grand'Eury na determinação da zona da *walchia piniforme*: demonstração de esse equivoco. O *genero walchia* é no parecer dos grandes mestres de geologia paleontologica e de paleontologia vegetal *muito caracteristico da formação permeana*. Grand'Eury não foi, como elle pretende, quem primeiro descreveu e representou o genero *dicranophyllo*; este foi doze annos antes descripto e representado pelo dr. Bernardino Antonio Gomes. Zonas e formações a que pertence a flora fossil do Moinho da Ordem, Serra do Bussaco e cercanias do Porto. Regiões de Portugal, nas quaes se encontra perfeita e incontestavelmente representada a formação permeana até ao presente não reconhecida n'este paiz. — Formações da era mammiferaria ao sul do Tejo. A serie marsupialica na Iberia. Incompleto dos estudos das formações de esta era na Peninsula Hispanica. A Luzitania e a Iberia nos fins da era mammiferaria. O mundo no fim de esta era.

MONUMENTO COMMEMORATIVO
DA ENTRADA DO EXERCITO LIBERTADOR
EM ARNOSA DE PAMPLIDO

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Claro Outeiro)

Gottas de Chypre *contos* por Catulle Mendés, Armand Silvestre, Theodore de Banville, Guy de Maupassant etc., versão portugueza de Luiz da Silva. Um folheto de 16 pag. in-8.º que é o primeiro de uma serie de pequenos contos que serão publicados semanalmente. A edição é muito nitida e as traducções esmeradas.

Almanach Preço Corrente publicado por Jeronymo Martins & Filho e offerecido aos consummidores do seu estabelecimento. É um brinde muito delicado pela belleza da sua confecção.

Conta *da receita e despeza do monumento aos restauradores*, publicada pela Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640. Lisboa 1889. Por esta conta vê-se que a receita da subscripção e mais donativos se elevou a 45:430$576, incluindo 12:442$940 importancia do bronze e fundição das estatuas do monumento, andaimes das obras e grade de bronze que o governo deu; e que a despeza foi de 45:095$746, restando um saldo de 334$830 réis.

Programma *do Congresso Juridico de Lisboa* publicado pela commissão executiva, composta dos srs. drs. Manuel Maria da Silva Beirão, Carlos Zeferino Pinto Coelho, José Dias Ferreira, Vicente Rodrigues Monteiro, Henrique Midosi, João Jacintho Tavares de Medeiros, João Catanho de Menezes, José Maria da Penha e Costa, Frederico Augusto Franco de Castro, Arthur de Carvalho, João Alexandrino de Sousa Queiroga e Alberto Telles de Ultra Machado, secretario. O congresso deverá abrir-se solemnemente no dia 22 de abril proximo e terá nove sessões plenarias, numero que poderá ser augmentado se se julgar necessario. O congresso divide-se em cinco secções a saber: de direito publico, civil, commercial, criminal e questões mixtas.

O Exercito Portuguez *publicação quinzenal* Lisboa n.º 253, 12.º anno, fevereiro de 1889. Publicação exclusivamente dedicada a assumptos militares, a mais antiga que conhecemos em Portugal, e cujos creditos estão de ha muito firmados, pela excellencia da sua collaboração.

A Moda *publicação illustrada com figurinos em phototypia e offerecida aos consumidores da Real e Imperial chapellaria a vapor, sociedade anonyma etc., sucessora de Costa Braga & Filhos* etc. etc. Porto, 1889. Publica os figurinos para chapeos de inverno e uma interessante parte litteraria. Esta chapellaria acaba de ser premiada com medalha de ouro, na Exposição Industrial Portugueza, do que dá aviso ao publico.

Relatorio da Direcção *e parecer do conselho fiscal do Real Gymnasio Club Portuguez, gerencia de 1888*. É relativamente lisongeiro o estado economico d'esta sociedade, e prova que a sua idéa civilisadora da educação physica, vae sendo acceita e ganhando adeptos de anno para anno. N'este relatorio encontra-se além das contas da receita que se eleva a 4:905$400 réis contrabalançando com a despeza muito approximadamente, uma proposta da direcção, para que no presente anno se promova um congresso de gymnastica, convidando para esse fim todos os professores de gymnastica e medicos do paiz que queiram tomar parte no mesmo congresso, assim como uma proposta para a creação de uma secção naval, no referido club.

É digna de todo o louvor a direcção pelos esforços que faz para desenvolver o gosto pelos exercicios physicos, tão necessarios n'uma sociedade que se definha pela anemia.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43